

«Foram 26 anos de falsa carreira», contou Kaiser a A BOLA

por
PEDRO CADIMA

NUM mundo que ferve com génios e desafia feitiçeiros, aqui se desvela a crónica do maior malandro, sintoma tão brasileiro, histórica e habilmente cantado como mimo à esportez e traquinice. Carlos Henrique Cardoso é o herói desta trama, assinando suas proezas e descaramento com o nome de Carlos Kaiser, avançado com mais ficção que golo, com mais currículo que jeito. Gerou livro e filme, a partir do seu instinto criativo ao melhor estilo *apanha-me se me puderes*.

Hoje com 55 anos, realizado como *personal trainer*, em culturismo, convoca-nos para a melhor novela, mais entretida, surreal, fabricada por ele durante 20 anos, cobrou sem jogar, vingando como ator sensacional dum viciante enredo nos boémios anos 80 na febre noturna carioca, animando amigos, muitos deles craques de verdade, e o adepto com o seu incomum desplante para se forjar como um grandíssimo jogador de futebol, sem pisar o relvado e mimar a bola, carregando a patente, a ficha curricular de colossos como Botafogo, Flamengo, Vasco e Fluminense, os quatro todo poderosos do Rio. Colecionou contratos, peripécias, escapando ao desmascaramento, mesmo sendo pouquíssimo entendido de bola, apurando estratégias, incontáveis e deliciosas farsas, para passar a perna e manter a ficha ativa. Amparado por ilustres da bola do seu círculo de amigos, Kaiser fez o seu percurso, marcou a sua história, rolou por outras latitudes... sem publicidade, sem fama... sem exposição, mas com muito engenho, sagacidade e pura rebeldia. Um protótipo na arte de bem enganar... ou então de levar a vida como a própria o ditou... com sofrimento e traumas à mistura.

OPORTUNAS LESÕES

As confissões surgiram muito mais tarde pela necessidade de dar o devido prestígio mediático à sua fulminante loucura, transposta primeiro para livro, agora para documentário — *Kaiser: The Greatest Footballer Never to Play Football* — assinado pelo britânico Louis Myles, que será exibido amanhã, no Porto, integrado em mais uma edição do Festival Porto Post/Doc.

«Faz justiça, é uma história de sofrimento, de muito abuso. Eu só não fui molestado. Fui muito explorado e isso fez-me criar essa aversão pelo futebol. Arrependo-me das oportunidades que tive e não aproveitei. Podia ter feito car-

Kaiser e as mil farsas

Ao estilo 'apanha-me se puderes', brasileiro Kaiser enganou os maiores clubes do Rio fazendo-se p
 Falou com A BOLA a pretexto do documentário sobre ele que vai ser estreado amanhã em Portu

reira de verdade. Ver grandes jogadores do meu tempo a falar tantas coisas boas de mim é muito inspirador», disse Kaiser, em conversa com A BOLA.

Desconcertante e inventivo, Carlos Henrique Cardoso virou Kaiser por alegadas parecenças com esse monstro da *Mannschaft*, Franz Beckenbauer, mas tinha seguramente outros espelhos e muito mais fantasia na mente do que na chuteira. Nascido no seio de família pobre, Kaiser ainda olhou com verdade para o futebol, quando o Botafogo o fogueou numa pelada. Com dez anos, ainda sem personalidade totalmente definida, até podia sonhar em triunfar na casa de Garrincha. Mas se o anjo das pernas tortas se entregou de paixão à cachça, Kaiser traçou o seu caminho na pista do mulherio, sedento de

O QUE DISSERAM DELE

«É um amigo nosso, uma ótima pessoa, um ser humano extraordinário. Mas não jogava nem baralho. O problema dele era a bola [risos]. Nunca vi ele jogar em lugar algum. É um Forrest Gump do futebol brasileiro

RICARDO ROCHA
antigo defesa-central da seleção

«Sei que ele era um inimigo da bola. A parte física era com ele. No coletivo ele combinava com um colega... na primeira jogada me acerta porque eu tenho que ir para o departamento médico

RENATO GAÚCHO
antigo avançado da seleção

deboche e estatuto de celebridade, relacionando-se desde cedo com figuras cimeiras do futebol, procurando acesso às mais exclusivas festas, entre poses, flashes e companhias. A vida de jogador tinha sumo extra e prendia-lhe devoção, decididamente orientada para fora das quatro linhas, pois o gosto de estar em campo, a treinar ou jogar não existia... Aborrecia mesmo Kaiser, que sem pachorra para privações, cedo descobriu a receita de inventar lesões.

«Foram 26 anos de falsa carreira. Estava fazendo algo que não queria, 80 por cento do que eu ganhava ficava para o jornalista ou empresário. A minha mãe adotiva vendeu o meu passe a um agente e fiquei com uma multa rescisória milionária. Fiquei obrigado a isto, as minhas sucessivas mudanças aconteciam porque eu não queria jogar e fazia de tudo para não jogar», alerta Kaiser, repisando episódios mais sombrios, mas que moldaram uma fama mais colorida.

«Eu não fui adotado, fui roubado pela mãe adotiva da mãe verdadeira. É preciso dizer que o maior malandro do futebol não queria ser jogador, num país em que 90 por cento do homem adorraria ser jogador. Eu era bom, mas não era o futebol que queria para a minha vida», reitera, desabafando a felicidade que hoje lhe corre nas veias. «Quando era novo, o que ambicionava era ser professor de Educação Física, mas levaram-me para o futebol. Hoje sou feliz e considerado por várias federações brasileiras o maior ins-

trutor de Wellness e Model, duas categorias de culturismo. E só treino mulheres», afiança, mantendo o fiel o espírito vivo e atrevido.

DO MÉXICO A FRANÇA

Negando aparentes laivos de virtuosismo vistos pelos amigos, que ditaram sua alcunha, pela forma como transportava a bola da defesa para o meio-campo de cabeça levantava, Kaiser, aos 16 anos, começou a forçar a imaginação. O primeiro a ser enganado: o Puebla (México). Kaiser, nos seus 16 anos, agradou aos olheiros mexicanos num treino do Flamengo, roubando o protagonismo a Beijoca, o alvo num jogo de reservas, e partiu para uma grande aventura, acabando dispensado meses mais tardes sem minutos. O esquema cintilou, nesta altura, na cabeça de Kaiser, que de regresso ao Brasil idealizou a solução com contratos de curta duração, nos quais poderia sempre alegar má forma ou lesão, assegurando salário. «Joguei várias vezes, mas poucos minutos. Provocava expulsões, fazia de tudo ao nível de lesões. Não havia ressonâncias na época e nunca chegavam ao meu problema. Finalmente diria que se tratava dum fôco dentário. Arranjava atestados, afinal a minha vida é feita de grandes amizades», rebobina.

Aos amigos jornalistas, qual mestre das *fake news*, relatou a sua experiência no Puebla como memorável, acrescentando que foi sondado para se naturalizar e jogar na seleção mexicana.



Kaiser confessa-se hoje feliz e orgulhoso do trabalho como 'personal trainer' em culturismo



D.R.



assar por profissional
Igal

CHUTOS E BRIGAS

Kaiser aprimoraria com os anos a sua marca, escudado pela falta de informação e tecnologia, e encoberto por colegas, que eram estrelas do futebol na época. Recomendado por Renato Gaúcho, Carlos Alberto Torres ou Ricardo Rocha, Carlos Kaiser foi passando por vários clubes brasileiros sem deixar rasto e sem ser denunciado como a mais flagrante das fraudes. A mentira seguia triunfal, contagiando o pseudo-jogador a prolongá-la, aguçando o engenho em conformidade com as súbitas circunstâncias. Foi, assim, em França, quando foi parar à Córsega, ao Ajaccio, já depois de propagar a sua vida imaginária na Argentina como jogador do Talleres de Córdoba e do Independiente, onde teria chegado por indicação de Alejandro, um amigo de Jorge Burruchaga querendo passar-se como vencedor da Intercontinental de 1984. Na verdade, Kaiser tentou usurpar a identidade de Carlos Enrique, jogador real do

elenco do Independiente. O culto em redor do melhor jogador que jamais jogou alimenta-se de muitas contradições, havendo factos nunca comprovados, num constante mistério e numa dança da verdade com a mentira. Apareceu em França como grande reforço do Ajaccio, na 3.ª Divisão, na apresentação da equipa. Multidão esperava-o e o novo desafio se levantava. Foi hora do rei do improviso.

«Comecei a pegar todas as bolas rapidamente e chutar para a galera. Os torcedores foram à loucura. Não sobrou uma bola em campo. Ao mesmo tempo beijava a camisa do clube. Conquistei o carinho dos torcedores», relatou, antes da nossa conversa, sobre a experiência francesa, que durou um ano, embora garanta ter estado contratado 12 anos, jogando no Brasil por empréstimo.

O passo seguinte foi o Bangu, onde Kaiser foi anunciado numa matéria jornalística: «O Bangu já tem o seu rei.» O contrato era novamente de três meses e Kaiser não contava jogar...

«Estava na discoteca num sábado pelas 4 da manhã quando me liga o treinador Moisés a dizer que o presidente me queria no banco no domingo, mas para estar tranquilo que não me colocava. A equipa levou dois golos muito cedo e o treinador recebeu um aviso do presidente para me meter», relata, recuperando a ansiedade de quem matutou num plano C ou plano Z.

«Comecei a aquecer, a torcida foi aplaudindo, falando o meu nome, então decido saltar para a bancada e brigar. Acabo expulso. O presidente ficou irado, eu assumi que tinha prejudicado o clube, mas também lhe disse: 'Deus me deu um pai e levou. E Ele me deu outro. Então jamais vou admitir que digam que meu pai é ladrão. Os torcedores estavam atrás de mim falando isso'. Ele segurou-me a nuca, deu-me um beijo, convidou-me para viajar, pôs-me um contrato de mais meses e dobrou-me o salário», afirmou Kaiser, que nunca se arrependeu da farsa empreendida por 20 anos. «Se os dirigentes enganam tanto os jogadores, eu estive aqui para dar a desforra.»



Mulheres sempre foram uma perdição para Kaiser e o futebol foi um meio fértil para mostrar charme, jeito com as palavras, conseguindo mesmo passar como Renato Gaúcho no Rio de Janeiro

«Filme muito humano»

Daniel Ribas, um dos diretores artísticos do Porto Post/Doc, que decorre no Porto entre 24 de novembro e 2 de Dezembro, oferecendo à cidade programação espalhada por três salas, Passos Manuel, Rivoli e Trindade, orgulha-se da escolha para a sessão de abertura, marcada para o Trindade. «O filme tem uma característica incrível, começa com o Kaiser a dizer que vai contar toda a verdade. Mas tudo o que faz e diz enreda-nos numa teia de mentiras. O documentário desfaz um bocadinho a realidade do Kaiser, já que se percebe que ele começa a acreditar na realidade que ele próprio construiu», realça o programador, deixando pistas da capacidade de sedução da obra de Louis Myles. «Toca diferentes públicos, muito humano e não é totalmente sobre futebol, mete empresários, mafiosos da época, barões do jogo ilegal. Dá para perceber o futebol da época, há realidades paralelas que são expostas completamente. Ele assume a sua importância, porque contratava mulheres para os estágios e, com base nessa amizade, ele era encoberto por companheiros», desvenda, reconhecendo quem nem tudo é diversão ao longo do documentário. «Há ali uma personalidade mais escondida, percebe-se a certa altura uma recada emocional do Kaiser, que começa a contar aspetos mais negativos da vida», contou Ribas.



D.R.

Louletano e as farras loucas da canarinha

→ **Experiência no Algarve que pode não ter existido; e as 15 mulheres que meteu num estágio**

O alerta estava dado — falar com Kaiser é um festim de incerteza e a nossa conversa comprovou essa incrível patinagem no surrealismo, qual mundo flutuante, num grito que seria comemorado por Hunter S. Thompson nas suas mais delirantes narrações. Kaiser orgulha-se do seu currículo, das passagens por México, Estados Unidos e França, onde até garante ter finto as pressões da máfia corsa. Mas também há relatos de que jogou em Portugal, no Louletano, nos finais dos anos oitenta. Desmentidos antes pelo próprio, que dizia ter passado ao lado da oportunidade antes de seguir para o El Paso Patriots, confirmados agora nesta entrevista. Engatilha a descrição... mas há pormenores que o traem.

«Estive no Louletano três meses, antes de ir para a França. Estavam comigo outros dois amigos brasileiros, o Fernando e o Mauricinho. Foi em 1988, o Louletano competia na 1.ª Divisão. Não cheguei a jogar. Queria ter ido para outra equipa, para um Sporting, Benfica, FC Porto ou Boavista. Foi uma etapa linda no Algarve, um dos lugares mais bonitos do mundo», desfia, chocando com a realidade, já que o Louletano não figurou na divisão maior, nem teve Fernando (1988/89) e Mauricinho (90/91) em simultâneo nas suas fileiras. Mas com Kaiser a imaginação flui como reais memórias... e queremos saber mais dessa época em Portugal, indo ao baú das suas maiores amizades.

«Estava o Valtinho no Sporting, que jogou comigo no Flamengo. Há uma história curiosa, sei que foi ele que ensinou o Luís Figo a conduzir. E também estava o amigo Éloi, campeão do mundo pelo FC Porto. Mas também posso dizer que di-

ziam que eu era parecido com dois jogadores portugueses que muito admiro: o Fernando Couto e o Paulo Futre», relata Kaiser... fiel à grande amizade que construiu no futebol, com Renato Gaúcho, estrela da história do Grémio e atual treinador do clube de Porto Alegre.

«Eu era confundido várias vezes com ele na noite. Havia mulheres que se aproximavam de mim e deixava o clima rolar. É sem dúvida o maior amigo que conservo. Aparece a falar de mim no documentário. O sucesso dele é o meu sucesso», sustenta Kaiser, que sempre apreciou o prazer suplementar da vida de jogador, ao lado das mulheres mais vistosas da época.

«Sei que passei sempre essa imagem, mas hoje posso dizer que estive sempre mais preocupado em preservar os jogadores, cuidar deles, não deixar que bebesses muito. Eu era a babá de muitos craques. Fiz muitos deles chegarem à seleção do Brasil e cuidava do seu património. Até os tentava influenciar para estudarem alguma coisa. Sou ídolo de jogadores, não de torcedores», solta... aqui sem espaço para dúvidas, percorrendo muitos dos cúmplices.

«São conhecidos, é o Renato, Romário, Edmundo, Ricardo Rocha, o falecido Carlos Alberto Torres, e também o Bebeto, ainda hoje é grande amigo e também está aí no documentário. Sou amigo de todos os caras da minha geração, porque não prejudiquei ninguém, só me prejudiquei a mim», frisa, aceitando partilhar a maior loucura destes tempos.

«Não faltam histórias divertidas, mas era comum levar mulheres para a concentração da seleção, chegava três dias antes e controlava dois pisos abaixo dos quartos da comitiva. Só se descia pelas escadas e estavam 15 mulheres amigas minhas», recorda Kaiser... eloquente e convincente em cada frase... Muito treino.



Documentário de Louis Myles capta a essência da vida insólita de Kaiser e o seu descaramento para ir saltando de clube em clube sem jogar... ao ponto de ter inventado uma briga com adeptos no Bangu



SEX 23 NOV 2018

Diário, Ano LXXIV N.º 16.397 Preço € 1,10 (IVA a 6%) Portugal continental

redatores CÂNDIDO DE OLIVEIRA, RIBEIRO DOS REIS e VICENTE DE MELO

diretor VITOR SERPA

www.abola.pt



sporting



SERIA UMA HONRA JOGAR NO SPORTING

🗨️ Koulouris reage ao interesse

Empréstimo obrigacionista chega aos €26,2 milhões

p. 10 a 13

Lus. vildemoinhos



Como um nadador-salvador, um contabilista e um vendedor de automóveis querem afastar o leão da Taça

p. 14 e 15



FC Porto

CASILLAS RECUSA OFERTA DA MLS

🗨️ Mourinho

acusar espanhol: «Ele enfrentou-me escondido»

p. 16 a 19



A BOLA

ÁGUA SEGUE EM FRENTE NA TAÇA COM POUÇAS RAZÕES PARA SORRIR

TAÇA DE PORTUGAL
16 AVOS DE FINAL



Benfica

2

1

Arouca



🗨️ IMPORTANTE ERA VENCER

Rui Vitória

👉 **Golo de Rafa no tempo de compensação (depois de Jonas empatar) salva a água do prolongamento e de um Arouca que causou muitos sustos**

TRISTE VITÓRIA

📌 PAULO GONÇALVES ILIBA VIEIRA

p. 22 a 26

Entrevista A BOLA

A BOLA AO CENTRO



O MELHOR FUTEBOLISTA QUE NUNCA JOGOU FUTEBOL

🗨️ A história de Carlos 'Kaiser', que enganou meio mundo durante mais de 20 anos 🗨️ Filme estreia amanhã em Portugal p. 20 e 21